

Relato de campo: Incursão etnográfica a Santana de Parnaíba por ocasião da festa de Corpus Christi no dia 26/05/2016, atividade da disciplina Antropologia I. Relato e fotos: José Guilherme Magnani.

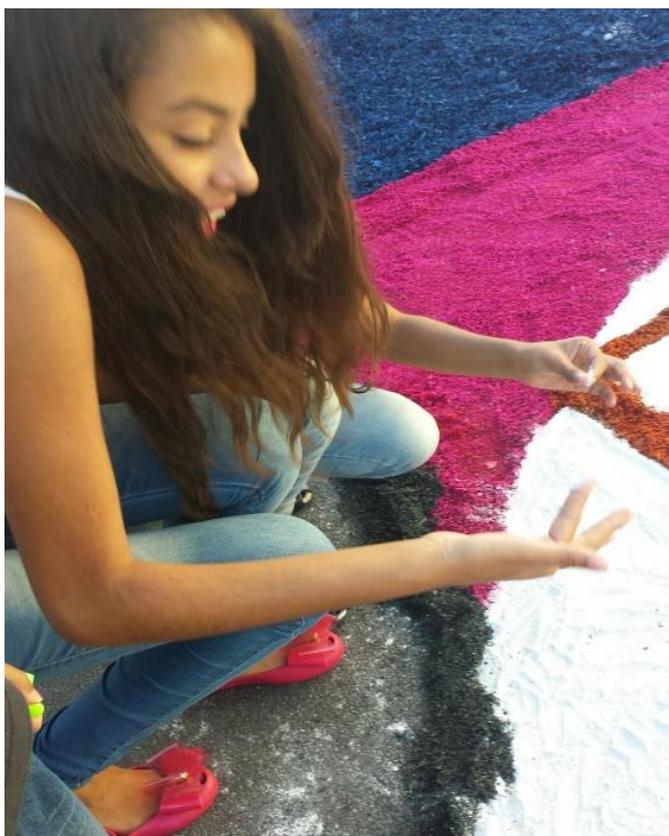
O encontro estava marcado para as 9:00 no portão 1 do campus da USP no Butantã. A queda de uma árvore na alça de acesso à ponte da cidade universitária dificultou a chegada de alguns participantes no horário, mas às 9:30 estávamos todos lá, os 19 integrantes da excursão etnográfica. Já no ônibus, aproveitei para falar um pouco sobre a cidade, sua história, o tombamento pelo antigo SPHAN (agora IPHAN) e pelo CONDEPHAAT, sugerindo que todos lessem o artigo “Santana de Parnaíba. Memória e Cotidiano”, disponível no site do NAU. Rosenilton, membro do grupo de pesquisa GERM (Grupo de Estudos de Religião na Metrópole), discorreu sobre a origem e o significado religioso da festa e da procissão. Denise, também do GERM, expôs sua experiência na romaria a Aparecida do Norte; Ana Sertã, do GEU (Grupo de Etnologia Urbana) falou sobre a pesquisa com mulheres Sateré-Mawé na Amazônia e Mariana, a monitora, (NAU Cidades) lembrou que essa festa ocorre em muitas cidades do interior de São Paulo.

A expectativa era grande, a maioria dos alunos não conhecia nem Santana de Parnaíba nem a festa. Quando chegamos, em torno das 11h00, parte do famoso tapete ainda estava sendo confeccionado. Tradicionalmente os materiais usados eram colhidos e guardados durante o ano todo pelos fiéis – cascas de ovo, borra de café, tampinhas de garrafa, sementes, cuja textura e coloração conferiam a devida consistência e contraste aos desenhos. Hoje é a prefeitura, por meio de funcionários devidamente identificados com camisetas, que fornece, em sacos, serragem tingida e cal, únicos materiais disponíveis....



Segundo nos contaram, o trabalho havia começado às 6:00 da manhã. Uma senhora confidenciou que tempos atrás a confecção começava de madrugada e, por causa do

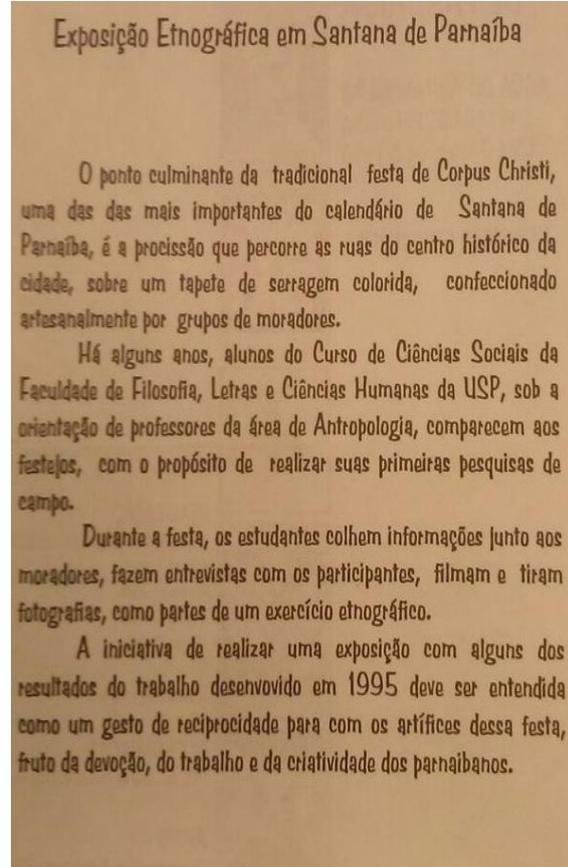
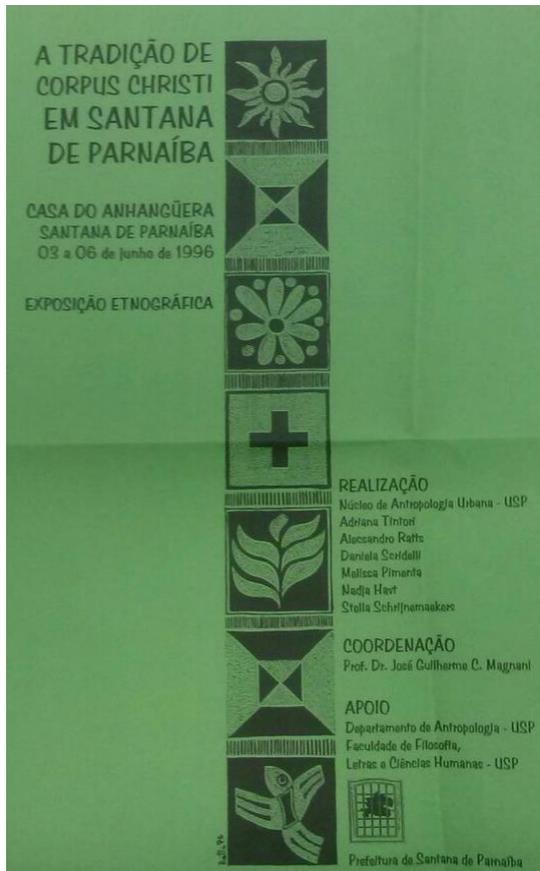
frio, doses generosas de cachaça ajudavam manter o ânimo; em alguns casos, até deixavam sua marca no estilo dos desenhos.... Neste ano, os desenhos eram bem comportados, com motivos exclusivamente religiosos – litúrgicos, bíblicos, alusivos aos grupos de pastoral da paróquia ou sobre a cidade; muitos deles exibiam, num cantinho, a foto que servira de modelo. Mas o conjunto todo tinha uma marca, e era do *designer* Maia, que possui um ateliê na cidade; alguns de nós tentamos localizá-lo, mas ele estava circulando por aí afora. Os visitantes cuidavam para não pisar no tapete que cobria a parte central das ruas, começando desde a praça em frente à igreja até o retorno ao ponto inicial. Os adultos controlavam as crianças; alguns porém não resistiam, como a mocinha da foto, curtindo a textura do material:



Acompanhando o fluxo, demos a volta completa, apreciando não só a sequência e variedade dos desenhos, mas o comportamento dos visitantes. Alguns vieram em grupo, como ciclistas e motociclistas, devidamente paramentados; famílias, grupos de amigos. Era evidente o caráter de passeio no evento, aproveitando o feriado; fotos e mais fotos, *selfies*. Como em anos anteriores, as “estátuas vivas”, vestidas de branco eram um bom motivo para mais poses.

Essa festa – assim como as outras do calendário oficial - é uma boa oportunidade para a cidade se oferecer com sua gastronomia, artesanato, centros culturais, como o de troca de livros usados e o próprio museu “Casa do Ananguera”. Na porta deste último, um funcionário regulava a entrada – grupos de dez pessoas – em função do tamanho das instalações: afinal, era uma casa, de Bartolomeu Bueno da Silva, o Ananguera. Fomos conduzidos a um pequeno auditório para assistir ao vídeo institucional sobre a origem da cidade, as bandeiras, etc. Aliás, não nos passou despercebido, na narrativa, o trecho em que os bandeirantes enfrentavam muitos perigos em seus percursos, inclusive dos

“inimigos”: os indígenas! Uma das monitoras me reconheceu – afinal, o NAU fez uma exposição com textos e fotos nesse museu, justamente sobre a festa de Corpus Christi, em 1996...



Já estava na hora do almoço, o grupo se subdividiu e, em número de sete, escolhemos um pequeno restaurante de comida japonesa.



Logo depois do almoço retomamos a caminhada e a primeira parada, após um café, foi para a visita ao já mencionado centro cultural dedicado à troca de livros: além das estantes com os volumes doados e à disposição não só para consulta, mas até para serem levados, mais para o fundo da imóvel havia uma importante coleção de livros antigos, de autores clássicos nacionais e estrangeiros, encadernados; eram manuseados só pelos atendentes, com luvas. Trata-se de uma ONG que sobrevive à custa de doações pois, segundo um dos voluntários, a prefeitura não ajuda em nada. Aliás, com o sol entrando por uma janela (ou buraco) na parede, é de se imaginar o problema de conservação desse frágil material.

Nosso grupo, agora mais reduzido, deu uma volta até o setor das barracas do pessoal de fora da cidade – não mais com artesanato tradicional, mas de bugigangas e objetos das mais variadas procedências



Após uma rápida visita à igreja matriz – já estava na hora da missa campal que precede a procissão – sentamo-nos na beira da calçada, tendo diante de nós a multidão que assistia à missa enquanto outros, alheios à cerimônia, continuavam desfilando com crianças, cachorros, namorados. Finalmente começou a procissão. Resolvemos fazer o percurso inverso até uma esquina onde fosse possível reencontrar o cortejo e imiscuir-nos logo atrás do púlpito, sob o qual o celebrante caminhava com seus acólitos, levando o ostensório com a hóstia consagrada. E aí começava a esperada sensação de destruir o tapete... No percurso, poucas janelas com a tradicional toalha, vela flores e imagens.



Em pouco tempo toda aquela profusão de cores e formas estava reduzida a uma massa informe e amarronzada. No final, tendo já o padre entrado na igreja, crianças (e pesquisadores...) aproveitaram para brincar com a serragem enquanto algumas pessoas recolhiam porções em sacos plásticos para levar para casa pois, “abençoada, dava sorte”. A brincadeira durou pouco pois logo em seguida garis da prefeitura começaram a recolher aquele material que, de sagrado, passou pela fase lúdica para, finalmente, virar lixo...



Flagras diversos...



